

5. "À procura de rede": redes de redistribuição e modalidades de género na utilização do telefone móvel no sul de Moçambique

Julie Soleil Archambault

Introdução

Os telefones móveis entraram na sociedade moçambicana numa altura de grande disparidade e têm actuado como símbolos evidentes de diferenciação social por distinguirem visivelmente os que "têm" dos que "não têm". Com cada vez mais utentes, também se tornaram indispensáveis instrumentos de comunicação usados para navegar num ambiente sócio-económico em rápida mudança.

O título deste artigo, *À procura de rede*, refere-se tanto à procura de cobertura de rede celular como à procura de redes sociais, numa perspectiva de estratégia de subsistência. Ao explorar as práticas do uso de telemóveis entre jovens adultos em Inhambane, espero mostrar que a relação entre ambos os tipos de redes ultrapassa uma relação estritamente semântica. Não se trata apenas de dois tipos de redes frágeis, flutuantes e por vezes pouco fiáveis, mas uma depende, também, cada vez mais da outra para funcionar.

Neste artigo, examino o alcance e a textura da "revolução do telemóvel" no sul de Moçambique, visando lançar luz sobre a dinâmica contemporânea dos padrões de pobreza e de redistribuição em mudança. Elaborando a partir de um estudo de campo conduzido na cidade de Inhambane entre jovens adultos, eu mostro que o uso do telefone joga um papel decisivo na negociação de desigualdades. Mais especificamente, analiso o papel do telefone ao facilitar a consolidação e gestão de redes de redistribuição baseadas em relações íntimas, situando, ao mesmo tempo, estas dinâmicas dentro de estratégias de sustento vistas na perspectiva do género. Mostrarei como, ao tornar estas redes mais eficazes, o telemóvel também as torna mais extractivas. A fim de que estas dinâmicas façam sentido, apresentarei as perspectivas tanto de homens como de mulheres jovens, analisando algumas das suas experiências com os telefones móveis no seu quotidiano. Concluo o artigo proporcionando uma avaliação das ramificações socioeconómicas destas dinâmicas.¹

Este artigo baseia-se em 18 meses de trabalhos de campo levados a cabo na cidade e arredores de Inhambane entre 2006 e 2007, como estudante de pesquisa para a tese de doutoramento para o Departamento de Antropologia da Faculdade de

Estudos Orientais e Africanos (Universidade de Londres).² Para além da informação recolhida através da observação participante, foram conduzidas entrevistas em profundidade com 46 jovens adultos com idades compreendidas entre os 19 e 29 anos, relativas a questões de relacionamento bem como a estratégias de sustento, e de como estas estavam ligadas às práticas do uso de telemóveis. Também administrei um inquérito sobre a utilização do telemóvel a 320 alunos da 12^a classe na cidade de Inhambane. O artigo também se baseia em várias entrevistas com as principais pessoas envolvidas, de uma ou de outra forma, com questões de relacionamento,³ juntamente com dez pais dos nossos entrevistados.

Configuração da pesquisa

Nas áreas periurbanas de Inhambane, onde a maior parte da pesquisa foi realizada, os moradores vivem em grande proximidade, já que a terra é escassa e cara, particularmente desde que estas áreas absorveram muitas das pessoas deslocadas pela guerra no final dos anos 1980 e início da década de 1990. A maior parte das casas é feita de materiais locais e a comida confeccionada em fogões de lenha. A maioria dos agregados familiares depende da agricultura urbana e/ou de pequeno comércio, juntamente com redes sociais, para fazer face às despesas, e muitas enfrentam periodicamente problemas alimentares. No entanto, no meio desta precariedade, um número crescente de agregados familiares já possui electricidade, bem como água corrente, e casas de cimento estão a ser construídas um pouco por todo o lado. Poucos dos jovens adultos com quem trabalhei tinham criado já agregados familiares independentes e a maioria vivia com os seus pais, frequentemente em agregados familiares chefiados por mulheres. Alguns frequentavam a escola, outros tinham recentemente completado os seus estudos, um punhado deles tinha uma fonte regular de rendimentos provenientes de emprego, e muitos “não estou a fazer nada”, mas todos aspiravam a um estilo de vida similar no qual o consumo de bens de consumo modernos figurava proeminentemente. Neste contexto, os telemóveis têm vindo a actuar como símbolos evidentes de diferenciação social, por distinguirem visivelmente os “que têm” dos “que não têm» (Dibakana, 2002), criando assim o que foi descrito como uma divisão digital interna (Bridges 2001, citado por Nielinger, 2006, 2006: 21).

Quando a mCel, a maior fornecedora de serviços de rede celular de Moçambique, iniciou as suas operações no país em 1997, a cobertura de rede limitava-se a Maputo. Na sequência da Lei das Telecomunicações de 1999, que criou as condições para o processo de desregulamentação, a Vodacom⁴ respondeu a um concurso público e iniciou as suas operações no país no final de 2003 (Greenberg e Sadowsky, 2006: 26). Desde então, a posse de telefone tem vindo a aumentar rapidamente, especialmente nos centros urbanos. A penetração do

telefone passou de 0,28% (2000) para 12,6% (2006) num espaço de seis anos,⁵ por exemplo. Em 2009, a mCel continua a ser a principal fornecedora, com mais de três milhões de clientes, enquanto a Vodacom atingiu recentemente a marca de um milhão. Isto eleva o total de clientes de telefonia móvel do país para mais de quatro milhões.⁶ Observando os segmentos específicos da população, os números são ainda mais impressionantes. Segundo a minha pesquisa, por exemplo, 71% dos alunos da 12ª classe em Inhambane eram proprietários de um telemóvel em 2007. Neste artigo, espero mostrar que, além de ser uma fonte de capital simbólico, o telefone também se tornou numa ferramenta indispensável de comunicação, utilizado para navegar num ambiente socioeconómico de rápidas mudanças (Vigh, 2006), do qual a “revolução do telemóvel” é tanto reflexiva como constitutiva. Por outras palavras, sustento que a propriedade de telefone testemunha disparidades socioeconómicas ao mesmo tempo que desempenha um papel decisivo na negociação de desigualdades, mediante a facilitação da redistribuição de recursos, bem como por desafiar as hierarquias de género.

“Desenrascar” com a ajuda dos telemóveis

Muitos mostraram que a implementação de ajustamentos estruturais, a redução de despesas pelo estado e a liberalização económica se traduziram no aprofundamento da pobreza, no meio de uma crescente disparidade [Hanlon, (2007), Newitt, (2002), Pfeiffer, (2002)]. Esta perspectiva ecoa nas narrativas dos residentes de Inhambane, muitos dos quais consideram que as suas vidas se deterioraram nos últimos anos. Ao descrever as suas estratégias de subsistência, muitos utilizam o termo *desenrascar*, uma expressão que destaca a criatividade individual na resolução de problemas, frequentemente recorrendo a meios pouco convencionais (Vigh, 2006). Também se considera que os telemóveis desempenham um papel nas estratégias individuais para *desenrascar*.

Para começar, os telefones móveis ajudam as famílias a manterem-se em contacto e informadas, especialmente em lugares como no sul do Moçambique, em que os indivíduos estão dispersos por diversos motivos, incluindo o trabalho, os estudos, bem como os deslocamentos do tempo da guerra. A minha pesquisa também indica que a comunicação via telefone móvel desempenha um papel fundamental na distribuição de remessas,⁷ ajudando a coordenar a redistribuição, e deste modo permitindo, àqueles que recebem, desempenhar um papel mais activo no processo de redistribuição. As remessas são então geralmente entregues através de canais mais “tradicionais”, pelos próprios emigrantes, por outros emigrantes retornados, ou por intermédio de jovens que trabalham nos transportes públicos. Para além da sua integração nas redes de redistribuição, que são essencialmente baseadas no parentesco, a minha pesquisa também

indica que os telefones móveis são cada vez mais utilizados para consolidar e gerir outras redes de redistribuição, as quais são mais baseadas em relações íntimas, quer sejam reais quer sejam potenciais. Estas são as redes em que me concentrarei no presente artigo.⁸

Quando voltei a Inhambane para uma curta visita, no Inverno de 2008, um dos meus ex-vizinhos, um homem idoso conhecido por Takdir, convidou-me a visitá-lo. Parecia preocupado. *Tiveram que enviá-la de volta?* disse ele de uma maneira que mais soou como uma declaração de compaixão do que como uma pergunta. *Eu vou ajudá-la, vou dizer-lhe qual é a resposta para a sua pesquisa.* Ele passou a dizer ... *a juventude aqui usa os telefones para namorar. Alguns afirmam que os telefones ajudam nos negócios, mas isso não é verdade; telefones são para namorar* (Entrevista com Takdir, 3 de Agosto de 2007, Inhambane). Evidentemente que a juventude em Inhambane usa os seus telefones para fazer várias coisas, ou seja, para entrar em contacto com parentes, para coordenar reuniões ou para obter informações. Às vezes, os jovens também usam os seus telefones para fazer pedidos a outros de várias coisas como recargas para o telefone, propinas escolares, dinheiro para transportes ou extensões para o cabelo. E, como Takdir salientou, muitas vezes eles usam os seus telefones para namorar, namoriscar, para coordenar encontros românticos, para insultar um rival ou para impressionar um/a potencial amante. Passarei agora às diferentes modalidades baseadas no género no uso do telefone entre os jovens adultos em Inhambane, e prestarei particular atenção ao papel do telefone na facilitação da consolidação e gestão de redes de redistribuição baseadas em relações íntimas.

Ao contrário dos homens, as mulheres em Inhambane consideram muitas vezes difícil estimar quanto gastam nas recargas do telemóvel. Mais, ainda não encontrei uma mulher que tenha abdicado do seu telefone devido a restrições económicas, enquanto não é incomum encontrar homens que “fazem uma pausa” na utilização do telefone. Isto deve-se principalmente à forma como os custos das telecomunicações tendem a ser desigualmente distribuídos pelas linhas de género. A etiqueta ao telefone espelha relações sociais mais amplas e tende a reproduzir hierarquias socioeconómicas, nomeadamente os ideais normativos do homem na qualidade de provedor e da mulher como dependente.⁹ Como tal, espera-se que os homens cubram a maior parte dos custos decorrentes da comunicação com as mulheres que, por seu lado, podem tentar reverter os custos enviando um “bip” e esperando serem chamadas de volta, ou seja, telefonar para um número e desligar antes que a outra pessoa responda, ou enviando uma mensagem gratuita pedindo para ser chamado de volta - “Liga-me”.¹⁰

Numa discussão de grupo sobre etiqueta ao telefone em Inhambane, António, um homem de 22 anos de idade que tinha recentemente concluído o ensino secundário, fez o seguinte comentário:

Eu próprio, para falar sobre o meu caso, eh pá, eu acho que, comparando com as mulheres, comparando com a minha namorada, acho que a minha namorada recebe dinheiro numa base diária [de seus pais], mas eu só recebo dinheiro talvez uma vez por mês, e eu gasto-o imediatamente. Dentro duma semana já não tenho, estou feito (tô tchonado), mas ela tem 50 ou 100 MT por dia. Às vezes ela até me empresta dinheiro e depois diz que eu vou ter que dar-lhe o dobro, como uma piada, sabe. Então, ela tem dinheiro, mas, em termos de comunicações, ela só “bipa” (pedidos de chamada)! E então eu telefono-lhe. Com o dinheiro que me emprestou ontem eu comprei recargas, mas ela manda-me um bip, está a ver? Então eu telefono... Ou conheces uma moça hoje e ela dá-lhe o seu número. No dia seguinte [...], ela nem sequer lhe telefona, ou se ela o faz, é só para lhe dar esperança (moral) e, em seguida, ela vai enviar um bip e você terá que responder. E, para sentir que você é um homem, eh pá, você tem que responder (Entrevista com António, 18 de Novembro de 2007, Inhambane).

Jovens como o António e outros com quem trabalhei eram autocríticos sobre o facto de se permitirem gastar em recargas para o telefone desta forma; autocríticos, todavia resignados e dispostos a entrar no jogo, e muitos viam o arcar com estes custos como uma expressão de macheza (ver também Batson-Savage, 2007).

A maioria das mulheres jovens com as quais trabalhei enviava *bips* regularmente, na esperança de serem chamadas de volta e, muitas vezes, com a intenção de fazer pedidos para determinadas coisas. Como forma de me convencer sobre a facilidade de obter coisas “com o seu telefone”, Mimi, uma jovem de 25 anos de idade, fez uma vez uma demonstração. Começou por enviar um “*Liga-me*” para um dos seus pretendentes. Alguns segundos depois, o homem em questão telefonou de volta para a Mimi que então lhe pediu que lhe comprasse pão. Num espaço de uma hora, o homem estava à sua porta com um saco de pão. Não somente tinha pago pelo pão, como tinha também desembolsado pela chamada pedindo o pão. Depois de ele se ter ido embora, Mimi deu uma risada e disse que os homens acreditam que “*paciência ganha vitória!*”¹¹ Em referência a estas práticas, a juventude em Inhambane usa o termo “*chular*”.

“*Chular*” é um termo em português cujo significado é viver à custa de alguém, ou tirar economicamente proveito de alguém, geralmente sob pretextos sexuais. *Chular* pode ser compreendido como um modo de *desenrascar* incorporado na economia sexual informal local. A relação de tipo *chular* é semelhante mas, todavia, distinta de uma relação sexual transaccional (Cole, 2004) pelo facto de os termos do intercâmbio serem mais ambíguos. Como uma jovem mulher salientou, “*chular é um jogo. Se não quiser dar sexo, basta ter bom papo para lhe tapar a vista*” (Entrevista com Carolina, 23 de Julho de 2007, Inhambane). Por outras palavras, o acesso das mulheres a ganho material em relações de tipo *chular* repousa sobre a pretensão de uma troca de serviços sexuais que poderiam, ou não, concretizar-se.

Algumas mulheres não admitem facilmente terem alguma vez jogado este jogo, enquanto outras alardeiam sobre os seus feitos. As mulheres que são exímias a *chular* conseguem receber diversos bens tais como bebidas, *espetadas*, recargas para o telefone, roupas, ou pão, ainda que apenas ocasionalmente troquem favores sexuais. Mikas, um jovem com formação e bem empregado de 31 anos de idade, queixava-se frequentemente das mulheres se aproveitarem dele, de o “*escravizar*”, como ele designava. Um dia, Mikas, encontrando-se na minha companhia, recebeu um telefonema de uma jovem e, já imaginando o motivo da chamada dela, respondeu em altifalante. A mulher foi directamente à questão e pediu-lhe recarga para o telemóvel. Depois de desligar o telefone, Mikas começou a rir-se: “*Eu sou um idiota, sou estúpido*”, disse ele, “*Eu vou dar-lhe recarga e, em seguida, ela irá utilizá-la para telefonar para outro homem!*” Contou seguidamente que tinha uma namorada que o tinha contactado recentemente para o informar de que alguém lhe tinha roubado todas as suas roupas. Mikas explicou que lhe deu dinheiro (1.000 MT), juntamente com 80 MT em recarga, para que ela lhe telefonasse e não tivesse desculpas por não fazê-lo. Ela encontrou todavia desculpas e, como Mikas cinicamente concluiu, “*Sempre que eu lhe telefono, ela ou está a caminho da igreja ou da escola!*” (Entrevista com Mikas, 4 de Agosto de 2007, Inhambane).

Os meus resultados são, em muitos aspectos, semelhantes aos apresentados por Bagnol e Chamo (2003) na investigação sobre as relações sexuais intergeracionais na Zambézia. Em Inhambane, os relacionamentos do tipo *chular* também tendem a ser transgeracionais e homens que são feitos “vítimas” de solicitações efectuadas através do telefone são a maior parte das vezes mais velhos e com emprego, como Mikas. Isto dito, os homens mais jovens, no entanto, são igualmente solicitados a fornecer pequenas coisas como extensões para o cabelo, dinheiro para o almoço e recargas para o telefone.

Dada a marginalização económica que muitos homens jovens enfrentam em Inhambane, fazer face a estas exigências é frequentemente difícil, senão por vezes impossível. E, como ilustra a vinheta seguinte, algumas mulheres jovens utilizam as lacunas dos homens jovens para justificar determinadas práticas. Quando conheci Bela, uma estudante de 21 anos de idade, ela estava envolvida com um jovem violento que regularmente a enganava. Depois comprava-lhe presentes para lhe pedir perdão. Bela trocou posteriormente o namorado por um homem instruído de 27 anos que ela descrevia como romântico e respeitoso. Ela nunca viu com outra mulher, tão-pouco alguma vez encontrou algo de suspeito no seu telemóvel. Existia, todavia, um problema com o seu novo namorado: ele nunca lhe deu nada. Eis como Bela o descreve:

Se me vê vestindo calças bonitas, é óbvio que não foi o meu pai que mas comprou. Mas [o meu namorado] não me pergunta onde é que eu as arranjei. Após alguns meses de namoro, ele ainda não me deu nada, nem sequer 50 MT para comprar

*Stayfree.*¹² *Ele nunca me perguntou donde vem o meu perfume. Ele comenta o meu penteado, mas não me pergunta como é que eu o pago. Ele tem que me ajudar se me quiser ver bonita.*

Ela concluiu: *“Pelo menos ele fica aborrecido quando eu recebo um SMS!”* (Entrevista com Bela, 12 de Novembro de 2007, Inhambane). Apesar de ser um bom homem (educado, romântico e fiel) não era um bom provedor. E enquanto Bela cuidadosamente monitorizava as actividades do namorado mediante inspecções ao seu telemóvel, usava o seu próprio telefone para gerir as relações que poderiam ajudá-la a atender desejos não cumpridos pelo seu namorado.

Um número de mulheres jovens com quem trabalhei em Inhambane chegaram à conclusão, como Bela, de que poderiam beneficiar de melhores condições de vida mediante o envolvimento em relações com vários homens e desenvolveram formas astuciosas de usar a sua sexualidade como uma *“monnaie d’échange”*. Ninguém nega que sempre houve mulheres dispostas à troca de favores sexuais por ganho material e com múltiplos parceiros. Muitos em Inhambane acreditam que os telemóveis estão a ampliar a tendência. *“Com os telemóveis, chular já não é apenas um jogo, é um desporto”*,¹³ foi o que alguns jovens, num grupo-alvo por mim organizado, concluíram (15 de Novembro de 2007, Inhambane). Outros ressaltam a disseminação de práticas que costumavam ser preservadas por um tipo específico de mulheres. Como um jovem moçambicano de vinte e tal anos explicou, *“há duas categorias de moças — moças para casar e miúdas para brincar — mas o problema é que as moças, nestes dias que correm, são muito espertas com os seus telefones celulares e tudo, e acabamos por não saber quem é quem”* (Entrevista com Pascual, 15 de Agosto de 2007, Inhambane).

A comunicação telefónica torna as redes de redistribuição cada vez mais eficientes, contribuindo para contornar alguns dos obstáculos logísticos de comunicação face-a-face. Talvez mais importante ainda, a comunicação por telefone móvel cria um domínio invisível de interacção dentro do qual tais relações podem ser negociadas fora do controlo dos membros da família, de vizinhos e de outros parceiros. E assim são consolidadas relações que poderiam não ter existido se não fosse a presença de telefones móveis, e múltiplas relações tornam-se mais fáceis de gerir. É neste sentido que as diferenças de género no uso do telefone contribuem para a negociação das desigualdades. Ao accionar ideais normativos de género, ou mais especificamente, jogando com o seu estatuto de dependentes, as mulheres jovens podem alcançar uma independência económica mais ampla. E mais, os jovens homens acabam por ter pouca escolha, senão a de fechar os olhos para a dissolução da sua pretensão de exclusividade, uma vez que a maioria não dispõe de uma base material na qual esta assenta. Em suma, a comunicação por telefone móvel permite aos indivíduos navegar num ambiente socioeconómico em modificação com (mais) facilidade e (mais) discrição, criando uma esfera invisível dentro da qual práticas, de outra forma socialmente reprováveis, podem ser negociadas secretamente, pelo menos até os

telefones fazerem exactamente o oposto e fornecerem provas concretas de fraude, através de chamadas telefónicas e mensagens de texto interceptadas.

E embora *chular* seja algo que as mulheres geralmente fazem aos homens, alguns homens jovens também estão a tentar a sua sorte. Nos últimos anos, tornou-se cada vez mais comum homens jovens terem relações com mulheres mais velhas. Mulheres mais velhas com dinheiro, diga-se. Em Inhambane, esta ainda é uma tendência nova e que é extremamente reprovada. Diz-se aos rapazes, enquanto crescem, que nunca devem andar com mulheres mais velhas, e que, no caso de virem a fazê-lo, a acidez das mulheres mais velhas queimaria os seus pénis, uma reacção chamada "*gubya*" em *gitonga*. Contudo, alguns jovens tentam a sorte.

Sentado numa barraca local num domingo à tarde, Samo, um homem de 25 anos de idade, tentou convencer os seus amigos: "*As mulheres idosas são boas*", explicou ele, "*dão-te mais carinho, como se fosses seu filho. Uma acabou de me comprar este telefone*" (Entrevista com Samo, 28 de Outubro de 2007, Inhambane). Ao envolverem-se com mulheres mais velhas, os jovens têm acesso a um estilo de vida mais agradável, ao mesmo tempo que se revoltam contra as mulheres mais jovens, que muitas vezes têm pouca consideração por jovens sem *mola* (coloquial: dinheiro; corrente: *mola*, ou seja, a mola que os ajudaria a saltar para outro lugar). O tema foi também implicitamente introduzido através da música popular. Os telefones móveis, por isso, aparecem numa altura em que o noivado, as dinâmicas de formação de agregado familiar e de relações mais amplas entre os sexos estão a ser redefinidos, a par de mudanças nos padrões de consumo. Os telemóveis são por muitos também responsabilizados por exacerbarem estas transformações. Os padrões de uso do telefone podem, portanto, ser considerados tanto reflexivos como constitutivos de reconfigurações socioeconómicas mais amplas.

Conclusão

Graças às telecomunicações móveis, as redes pré-existentes de redistribuição baseadas no parentesco tornaram-se mais eficientes e novas redes, baseadas em relações íntimas, são mais facilmente criadas e geridas. Dadas as diferenças de género no uso do telefone, as práticas dos telefones móveis poderiam ser vistas como niveladoras do acesso desigual aos recursos, ao longo de linhas de género e geracionais. Se a troca de favores sexuais (ou mesmo apenas a sua pretensão) com o fim de ganho material se pode qualificar como alívio da pobreza, é, contudo, uma questão controversa. Ao considerar os potenciais impactos destas relações cada vez mais importantes na transmissão do HIV/SIDA, as implicações a longo prazo podem, na verdade, ser trágicas. E devido à sua relativa discricção, a redefinição das relações de género em curso, naquilo a que chamamos de domínio invisível da comunicação telemóvel, também se arrisca a ser ignorada pelos decisores de políticas.

Como já demonstrado, esta também é apenas uma parte da história. Ao relacionar os telemóveis com a redução da pobreza, há o risco de se esquecer do facto de que a redistribuição é um relacionamento, não um resultado. Por outras palavras, tornando as redes de redistribuição mais eficazes, os telemóveis são também mais extractivos para aqueles que se encontram na posição de dador. Vários autores têm mostrado que a prevalência de obrigações de parentesco, ou daquilo a que alguns chamam de *“economia do afecto”* (Hyden, 2006), pode inibir o desenvolvimento através da canalização de recursos que acabam por ser consumidos em vez de serem investidos para gerar riqueza (Hanlon, 2007). Devido ao papel do telemóvel no reforço e transformação destas redes, as implicações são, portanto, potencialmente agravadas. Neste sentido, os telefones móveis podem, de facto, prejudicar o desenvolvimento, já que os recursos que poderiam ser utilizados para investimentos acabam por ser redistribuídos (Horst e Miller, 2006).

A entrada de telemóveis em Moçambique pode não ser promessa para ajudar o país a *“superar”* etapas de desenvolvimento, como alguns anteciparam (Butler, 2005; Touré, 2008, ver também Nielinger, 2006). Gostaríamos, no entanto, de terminar com uma nota positiva, sugerindo que a rápida e ainda crescente adopção de telemóveis em Moçambique deve ser entendida como a adopção de uma tecnologia que melhora a qualidade de vida de muitos de uma forma tangível, ao lubrificar a circulação de dinheiro e outros recursos entre os que têm e os que pedem, bem como de uma forma mais subtil, ao fornecer aos indivíduos um certo grau de liberdade e controlo sobre as suas vidas, fornecendo os meios para participar mais activamente na sociedade moçambicana, embora de formas frequentemente contestadas e apesar da possibilidade de as implicações a longo prazo poderem ser prejudiciais.

Notas

- ¹ Algumas secções deste trabalho são desenvolvidas mais detalhadamente num artigo submetido ao *Politique africaine* edição especial sobre Moçambique. O artigo é intitulado *“A revolução da telefonia móvel: um capítulo na história de “sucesso” de Moçambique?”* e encontra-se actualmente em revisão. Também discuto a redefinição das relações de género em *“Os telemóveis e a comercialização das relações: expressões de masculinidade no Sul de Moçambique”*, em *Género e Modernidade nas Culturas da Juventude*, editado por K. Brison e Dewey S., Syracuse University Press, Siracusa, no prelo.
- ² A pesquisa foi financiada pelo Social Sciences and Humanities Research Council do Canada (SSHRC).
- ³ Entrevistei o chefe da polícia, os secretários de vários bairros, padres e pastores, enfermeiros, bem como curandeiros.

- ⁴ A Vodacom, que é propriedade da Telkom e Vodafone (Reino Unido), opera em vários países da África Austral. O Presidente Armando Guebuza tornou-se sócio da Vodacom, por meio da Intelec Holding da qual é accionista. O anúncio coincidiu com a declaração da Vodacom como sendo “100% made in Moçambique” (Carmona, 2007: 1-3).
- ⁵ Entrevista com o Sr. Massingue Apala do Instituto Nacional das Comunicações de Moçambique, 13 de Novembro de 2007, Maputo.
- ⁶ www.mcel.co.mz e www.vm.co.mz, ambos acedidos em 30 de Junho de 2008.
- ⁷ Veja Horst e Miller, (2006) para um exemplo da Jamaica.
- ⁸ Está para além do âmbito deste artigo discutir as oportunidades de negócios directamente geradas pela indústria telefónica, bem como as formas através das quais a comunicação telefónica possa tornar as pequenas empresas mais eficientes.
- ⁹ A etiqueta do telefone serve uma orientação mais ou menos fluida e práticas reais variam de acordo com as especificidades da situação.
- ¹⁰ Os clientes, quer da mCel quer da Vodacom, duas das operadoras de telefonia móvel de Moçambique, têm direito a 10 mensagens gratuitas “Liga-me” por dia.
- ¹¹ Notas de campo de 28 de Junho de 2007.
- ¹² Pensos higiénicos.
- ¹³ A palavra “desporto” é usada como uma metáfora para descrever actividades praticadas excessivamente.

Referências

- Bagnol, B., e E. Chamo. (2003). *‘Titios’ e ‘Catorzinhas’: Pesquisa exploratória sobre ‘sugar daddies’ na Zambézia (Quelimane e Pebane)*. DFID/PMG Mozambique.
- Batson-Savage, T. (2007). “‘Hol’ awn mek a answer mi cellular’: sex, sexuality and the cellular phone in urban Jamaica.” *In Continuum: Journal of Media and Cultural Studies* vol. 21, no. 2. (pp. 239-251).
- Butler, R. (2005). *Cell Phones May Help “Save” Africa*. http://newsmongabay.com/2005/0712-rhet_butler.html (acedido a 30 de Junho de 2008).
- Carmona, F. (2007). “Guebuza na Vodacom.” *In Savana*, vol. XIII: Maputo. (pp.1-3).
- Cole, J. (2004). “Fresh Contact in Tamatave, Madagascar: Sex, Money, and Intergenerational Transformation.” *In American Ethnologist* vol. 31, no. 4. (pp. 573-588).
- Dibakana, J.-A. (2002). *Usages sociaux du téléphone portable et autres sociabilités au Congo*. *In Politique Africaine* vol. 85. (pp. 133-50).
- Greenberg, A., e G. Sadowsky. (2006). *A country ICT survey for Mozambique*. Greenberg ICT services: Montreal.
- Hanlon, J. (2007). “Is poverty decreasing in Mozambique?” Palestra na Conferência Inaugural do Instituto de Estudos Sociais e Económicos: Maputo.

- Horst, H. and D. Miller. (2006). *The Cell Phone. An Anthropology of Communication*. Berg: Oxford.
- Hyden, G. (2006). *African Politics in Comparative Perspective*. Cambridge University Press: Cambridge.
- Newitt, M. (2002). "Mozambique." In P. Chabal. (ed.). *A history of Postcolonial Lusophone Africa*. Hurst: London, pp:185-235.
- Nielinger, O. (2006). *Information and Communication Technologies (ICT) for Development in Africa*. Peter Lang: Frankfurt.
- Pfeiffer, J. (2002). "African independent churches in Mozambique: healing the afflictions of inequality." In *Medical Anthropology Quarterly*. vol. 16, no. 1. (pp. 176-99).
- Touré, H. (2008). Welcome address. ICTs in Africa: A Continent on the Move. http://www.itu.int/dms_pub/itu-t/oth/26/05/T26050000010001PDFE.pdf (acedido a 30 de Fevereiro de 2008).
- Vigh, H. (2006). "Social death and violent life chances." In C. Christiansen, M. Utas, and H. E. Vigh (eds.). *Navigating Youth, Generating Adulthood. Social Becoming in an African Context*. The Nordic African Institute: Uppsala. (pp. 31-60).